

## **SOBRE O SER E SEUS MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS NA METAFÍSICA DE ARISTÓTELES**

Jéssyca Aragão de Freitas\*

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo apresentar um estudo sobre o conceito de ser e seus múltiplos significados postulados por Aristóteles em sua *Metafísica*. Para tanto, iniciaremos nossa exposição demonstrando como o filósofo de Estagira supera eleatas e platônicos ao recusar uma interpretação unívoca e transcendente do ser, formulando um novo conceito de ser, que “se diz em muitos sentidos” (*Metafísica*, 1003b 5). O ser aristotélico é, em sua melhor expressão, cada uma das coisas que *é*, e cada uma das coisas que *é*, em seu sentido mais latente, equivale à substância (*ousía*), pela qual o sentido último do ser se revela. A substância surge, na metafísica aristotélica, como o princípio único através do qual os múltiplos significados do ser e as diferentes categorias adquirem unidade e se mantêm existindo, na medida em que todas as categorias e todos os sentidos de ser requerem uma referência à substância.

**Palavras-chave:** Aristóteles. Ser. Substância. Significados. Categorias.

## **ABOUT THE BEING AND ITS MULTIPLE MEANINGS IN ARISTOTLE'S METAPHYSICS**

**Abstract:** This article aims to present a study about the concept of being and its multiple meanings postulated by Aristotle in his *Metaphysics*. To do so, we will begin our exposition demonstrating how the philosopher of Estagira overcomes Eleatics and Platonists by refusing a univocal and transcendent interpretation of being, formulating a new concept of being, that “is said in many senses” (*Metaphysics*, 1003b 5). The Aristotelian being is, at its best expression, each of the things that it is, and each of the things that is, in its most latent sense, is equivalent to the substance (*ousía*), by which the ultimate sense of being is revealed. The substance arises, in Aristotelian

---

\* Bacharela e mestra em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará; licencianda em Filosofia pela mesma Universidade. Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará. E-mail: [jessycaragao@hotmail.com](mailto:jessycaragao@hotmail.com)

metaphysics, as the single principle through which the multiple meanings of being and the different categories acquire unity and continue to exist, inasmuch as all categories and all meanings of being require a reference to the substance.

**Keywords:** Aristotle. Being. Substance. Meanings. Categories.

E na verdade, o que desde os tempos antigos, assim como agora e sempre, constitui o eterno objeto da pesquisa e o eterno problema: "que é o ser", equivale a este: "que é a substância" (e alguns dizem que substância é única, outros, ao contrário, que são muitas e, dentre estes, alguns sustentam que são em número finito, outros em número infinito); por isso também nós devemos examinar principalmente, fundamentalmente e, por assim dizer, exclusivamente, o que é o ser entendido neste significado (*Metafísica*, Z 1, 1028b).

## Introdução

A filosofia parmenidiana sustentava um conceito de ser caracterizado como algo absolutamente idêntico que, portanto, só poderia ser compreendido em um único sentido. Essa interpretação unívoca, que se estendeu por toda filosofia eleática, abarcava ainda uma concepção de ser enquanto uno, que resultou em uma doutrina imóvel da realidade. É a partir de uma análise dessa concepção eleática de ser, acompanhada de sua estática doutrina da realidade, que o filósofo Aristóteles de Estagira (384 – 322 a. C.) formula o seu canônico princípio ontológico da multiplicidade de significados do ser, a saber: o ser não se diz de forma unívoca, mas de muitas formas e “em múltiplos significados” (*Metafísica*, Γ 2, 1003a).

Aristóteles observou que apesar das diversas críticas direcionadas à filosofia eleática e do “parricídio parmenidiano” empreendidos por Platão, o filósofo ateniense não foi capaz de alcançar esta compreensão essencial de ser enquanto dotado de múltiplos significados. Ao procurar salvar a multiplicidade de fenômenos, Platão persistiu no erro eleático ao conceber o ser como uma realidade transcendente ou, para utilizarmos uma terminologia aristotélica, um universal substancial auto-subsistente,

procurando uma solução para o problema deste mundo fora do mundo, ou mais precisamente, procurando uma solução para o problema do ser fora do ser, em um mundo inteligível<sup>197</sup>. E é por esses motivos que o filósofo de Estagira conclui que tanto Platão quanto os platônicos não conseguiram superar efetivamente a filosofia parmenidiana.

Para Aristóteles, é um equívoco acreditar em uma concepção unívoca de ser<sup>198</sup>, como fizeram os filósofos eleatas, cuja figura paradigmática é Parmênides. Do mesmo modo, é igualmente um equívoco acreditar em uma concepção transcendente de ser, que o determine como um universal substancial *autó kath' hauto*, como fizeram Platão e os platônicos. Diferentemente de seus antecessores, Aristóteles propõe um novo conceito de ser, repleto de múltiplos significados, como veremos a seguir.

## 1. Sobre o conceito de ser aristotélico e seu único princípio: a substância

O novo conceito de ser inaugurado por Aristóteles expressa uma multiplicidade de significados, como explicita o filósofo no livro Γ (quarto) da *Metafísica*, no qual o Estagirita também reconhece que todos os sentidos pelo qual o ser é dito se referem a um único princípio:

O ser se diz em múltiplos significados, mas sempre em referência a uma unidade e a uma realidade determinada. O ser, portanto, não se diz por mera homonímia, mas do mesmo modo como chamamos “salutar” tudo o que se refere à saúde: seja enquanto a conserva, seja

---

<sup>197</sup> No livro A (primeiro) da *Metafísica*, Aristóteles esclarece: “Platão, com efeito, tendo sido desde jovem amigo de Crátilo e seguidor das doutrinas heraclitianas, segundo as quais todas as coisas sensíveis estão em contínuo fluxo e das quais não se pode fazer ciência, manteve posteriormente estas convicções. Por sua vez, Sócrates ocupava-se de questões éticas e não da natureza em sua totalidade, mas buscava o universal no âmbito daquelas questões, tendo sido o primeiro a fixar a atenção nas definições. Ora, Platão aceitou esta doutrina socrática, mas acreditou, por causa da convicção acolhida dos heraclitianos, que as definições se referissem a outras realidades e não às realidades sensíveis. De fato, ele considerava impossível que a definição universal se referisse a algum dos objetos sensíveis, por estarem sujeitos à contínua mudança. Então, ele chamou essas outras realidades de Ideias, afirmando que os sensíveis existem ao lado delas e delas recebem seus nomes. Com efeito, a pluralidade das coisas sensíveis que tem o mesmo nome das Formas existe por ‘participação’ nas Formas”. *Metafísica*, A 6, 987b.

<sup>198</sup> Para um estudo mais aprofundado acerca do tema, vide: REALE, Giovanni. L'impossibilità di intendere univocamente l'Essere e la "Tavola" dei significati di esso secondo Aristotele. *Rivista di Filosofia Neo-Scolastica*, Milano, v. 56, n. 3/4, p. 289-326, maggio/ago. 1964.

enquanto a produz, seja enquanto é sintoma dela, seja enquanto é capaz de recebê-la; ou também do modo como dizemos “médico” tudo o que se refere à medicina: seja enquanto a possui; seja enquanto é inclinada a ela por natureza, seja enquanto é obra da medicina; e podemos aduzir ainda outros exemplos de coisas que se dizem de modo semelhante a estas. Assim também o ser se diz em muitos sentidos, mas todos em referência a um único princípio [...] (*Metafísica*, Γ 2, 1003a-b).

O novo ser postulado por Aristóteles, portanto, não é mera homonímia, tal como não é unívoco, não é transcendente e não é princípio fundante da realidade ou da unidade do todo; o ser aristotélico não é um determinado gênero ou uma determinada espécie, mas é o princípio que define a identidade de cada coisa e, desse modo, encontra-se muito além de gêneros e espécies. O ser aristotélico é, em sua melhor expressão, cada coisa *que é*, e cada coisa *que é* corresponde àquilo que Aristóteles nomeou de substância. A substância é este único princípio para o qual se referem todos os sentidos do ser:

[...] algumas coisas são ditas ser porque são substâncias, outras porque afecções da substância, outras porque são vias que levam à substância, ou porque são corruptions, ou privações, ou qualidades, ou causas produtoras ou geradoras tanto da substância como do que se refere à substância, ou porque negações de algumas destas ou, até mesmo, da própria substância (*Metafísica*, Γ 2, 1003b).

Assim, apesar de apresentar uma multiplicidade de sentidos, esses sentidos do ser aristotélico possuem uma relação fundamental com este princípio único nomeado de substância. Em outras palavras, “as várias coisas que são ditas ‘ser’ exprimem sentidos diferentes de ser, mas ao mesmo tempo *todas implicam uma referência a algo que é uno*”<sup>199</sup>, e este algo é a substância.

A substância aristotélica é aquilo que relaciona todos os sentidos de ser e, portanto, é aquilo através do qual os diversos significados do ser ganham unidade, na medida em que tudo o que é dito é dito em relação à substância – seja ela uma

---

<sup>199</sup> Reale, G. *História da filosofia grega e romana*, vol. IV: Aristóteles, p. 35.

substância primeira, seja ela uma substância segunda –, posto que tudo aquilo que é dito é sempre dito daquilo *que é*, e aquilo que *é* equivale à substância.

A substância torna-se, assim, o princípio único em relação ao qual todos os múltiplos sentidos do ser se mantêm, uma vez que sem a substância nenhum deles poderia existir, na medida em que todos os sentidos capazes de serem adquiridos pelo ser obrigatoriamente requerem uma referência à substância. Nessa perspectiva, a expressão aristotélica “ser enquanto ser”<sup>200</sup> não deve ser interpretada como uma alusão a um “puro ser” ou “verdadeiro ser”, de caráter abstrato, mas deve ser compreendida em relação à substância e a tudo aquilo que de muitos modos diz a substância<sup>201</sup>.

## 2. Sobre os múltiplos sentidos do ser

Como vimos anteriormente, o ser aristotélico se diz de múltiplos modos. Esclarecemos, neste tópico, quais são esses múltiplos modos de dizer o ser, elencando seus diversos sentidos, que podem ser classificados em quatro grupos de significados: como ser accidental ou causal; como ser por si; como verdadeiro (e falso); e como potência e ato.

O ser se diz em um sentido accidental ou causal quando não descreve algo essencial, mas puramente accidental. O enunciado “o homem é careca”, por exemplo, não designa algo de essencial no homem, mas somente aquilo que lhe é accidental: o homem pode ser careca ou não, posto que ser careca é um acidente e, enquanto acidente, não descreve aquilo que o homem é, a saber, “homem”, a substância segunda e o universal. O acidente, portanto, é aquilo que está presente agora, mas poderia não estar; é aquilo que é, mas poderia não ser; é aquilo que está em uns e não está em outros, visto que não está relacionado por nenhum vínculo essencial: alguns homens têm cabelos e outros não, contudo, os homens não são mais ou menos homens por terem ou não cabelos, uma vez que ter cabelos é um acidente.

---

<sup>200</sup> No livro Γ (quarto) da *Metafísica*, Aristóteles define a metafísica como uma ciência do “ser enquanto ser” e das propriedades que lhe pertencem enquanto tal. *Metafísica*, Γ 1, 1003a.

<sup>201</sup> Para um estudo referente aos problemas advindos de uma interpretação dessa expressão enquanto “puro ser”, abstrato e unívoco, vide: OWENS, Joseph. *The Doctrine of Being in the Aristotelian Metaphysics: A Study in the Greek Background of Mediaeval Thought*. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1963.

O ser se diz em um sentido por si quando, contrariamente ao ser accidental, descreve aquilo que é essencial. A substância é, para Aristóteles, o exemplo supremo daquilo que é por si, embora as categorias aristotélicas também sejam exemplos de ser por si<sup>202</sup>, na medida em que expressam os sentidos originários do ser. Ademais, o ser se diz como verdadeiro quando descreve um juízo de verdade, contrariamente ao sentido de não-ser, que enquanto falsidade descreve um juízo falso.

Por fim, o ser se diz como potência e ato quando descreve tudo aquilo que é em potência ou em ato. Além do modo de ser em ato, há um modo de ser em potência – um modo de ser que possui capacidade para ser em ato, apesar de ainda não o ser. Dizemos de escutam, por exemplo, 1) todos aqueles que possuem potência para escutar, ou seja, todos aqueles que possuem capacidades auditivas para tal, embora possam provisoriamente não escutar, seja devido ao sono ou a qualquer outra razão; e 2) todos aqueles que escutam em ato, ou seja, que escutam efetivamente e no momento em que escutam. Igualmente, chamamos de músicos 1) todos aqueles que são capazes, em potencialidade, de utilizar determinada técnica musical para produzir ou reproduzir uma melodia, embora possam não estar tocando no momento; e 2) todos aqueles que fazem o uso dessa técnica em ato. Em suma, tudo aquilo que possui potência para se efetivar em ato pode ser considerado um ser em potência, tal como tudo aquilo que é em ato e, portanto, que já foi em potência, pode ser considerado um ser em ato. Assim, dizemos que um escudo finalizado é em ato, enquanto afirmamos que o bloco de madeira do mestre de armas é um escudo em potência. Semelhantemente, dizemos que um cacho de uvas é vinho, posto que é vinho em potência, enquanto também afirmamos que um cacho de uvas é um cacho em ato. O ser enquanto potência e ato, como é possível observarmos, abrange sentidos de ser apresentados anteriormente, na medida em que um ser accidental pode existir tanto em potência quanto em ato, do mesmo modo que um ser de juízo verdadeiro ou falso também pode existir em potência e em ato.

---

<sup>202</sup> Aristóteles estabelece oito categorias na *Metafísica*: 1) a substância; 2) a qualidade; 3) a quantidade; 4) a relação; 5) o agir; 6) o padecer; 7) o onde; e 8) o quando. Ademais, o filósofo ainda postula duas outras categorias em sua obra homônima, *Categorias*: 9) o ter; e 10) o jazer.

Em suma, os múltiplos modos de dizer o ser podem ser classificados através dos quatro grupos de significados descritos acima. Cada um desses grupos integra semelhantes sentidos de ser que, no entanto, nunca são idênticos ou unívocos. As diferentes figuras de categorias, por exemplo, não nos fornecem sentidos idênticos ou unívocos de ser, mas cada um dos seres descritos por essas categorias representa um diferente sentido de ser em relação as demais categorias, apesar de suas semelhanças.

No livro Z (sétimo) da *Metafísica* Aristóteles afirma: “o ‘é’ se predica de todas as categorias, não, porém, do mesmo modo, mas da substância de modo primário e das outras categorias de modo derivado” (*Metafísica*, Z 4, 1030a). O ser aristotélico, portanto, não pertence a todas as categorias de um modo unívoco, mas de forma e em graus distintos. Mais adiante, o Estagirita continua:

De fato, é preciso dizer ou que as categorias só são seres por homonímia, ou que só são seres se acrescentarmos ou tirarmos de “ser” uma determinada qualificação, como, por exemplo, quando se diz que também o não-cognoscível é cognoscível. Com efeito, o correto é afirmar que ser é dito das categorias não em sentido equívoco nem em sentido unívoco, mas do mesmo modo que e usa o termo “médico”, não obstante todos os seus diferentes significados refiram-se à mesma coisa, mas sem significar a mesma coisa, eles não são puros homônimos: médico, de fato, designa um corpo, uma operação ou um instrumento, não por homonímia, nem por sinonímia, mas em virtude de uma referência a uma única coisa (*Metafísica*, Z 4, 1030a-b).

Deste modo, o que é regra para os múltiplos sentidos do ser – a saber, “o ser se diz em muitos sentidos, mas todos em referência a um único princípio” (*Metafísica*, Γ 2, 1003b<sup>1</sup>): a substância –, também é regra para as figuras de categorias: todas as demais categorias só são ser em referência a um único princípio e por causa dele: a primeira categoria, a substância.

Por conseguinte, assim como ocorre com todos os sentidos de ser, as diversas categorias ganham unidade através da substância, uma vez que tudo o que é dito é dito

em relação a ela. Contudo, as figuras de categorias se distinguem em um grupo específico dos demais significados de ser por fornecem os sentidos originários e fundamentais do ser, na qualidade de distinções primárias a partir das quais todos os sentidos posteriores do ser se distinguem. Como esclarece Giovanni Reale, “as categorias representam, pois, os significados nos quais originalmente se divide o ser, são as supremas divisões do ser ou, como também diz Aristóteles, os supremos ‘gêneros’ do ser”<sup>203</sup>.

Os diferentes significados do ser não se limitam apenas ao grupo de significados do qual participam as figuras de categorias, ou seja, ao grupo de ser dito em um sentido “por si”. Os demais grupos de significados também possuem múltiplos sentidos e, desse modo, não são compostos de significados idênticos ou unívocos de ser.

O grupo de ser como potência e ato possui, como podemos verificar através de seus próprios termos, diferentes modos de ser. Com observa Aristóteles, a negação do ser enquanto potência em benefício de um ser somente em ato seria responsável pela ordenação de uma realidade imóvel, na medida em que excluiria tanto o devir quanto o movimento do mundo, permanentemente existente em potencialidade.

Além disso, enquanto tomados individualmente tanto a potência quanto o ato possuem diferentes significados, em consonância com a definição geral do ser aristotélico, que se diz de múltiplos modos. Como escrevemos em páginas anteriores, o ser como potência e ato é capaz de abranger outros sentidos de ser, tais como o ser enquanto accidental e o ser enquanto verdadeiro (e falso). Ademais, o ser enquanto potência e ato encerra um número de significados tão diversificado quanto o número de categorias existentes, uma vez que há um modo de ser em ato e um modo de ser em potência conforme a quantidade, a qualidade, a ação, o padecer, etc<sup>204</sup>.

---

<sup>203</sup> Reale, G. *História da filosofia grega e romana*, vol. IV: Aristóteles, p. 35.

<sup>204</sup> Quanto a isso, Giovanni Reale ainda afirma: “À parte as numerosas questões que essas afirmações poderiam suscitar, mas que não podem ser tratadas nesta sede, um ponto fica claríssimo: o ser como potência e o ser como ato (recolhidos num único grupo, porque só se compreendem e se especificam um em função do outro), não existem fora ou além das categorias, mas são modos de ser que se apoiam no ser das categorias, são modos de ser que se estendem segundo toda a tábua das categorias, e são diversos



O ser dito como verdadeiro (e falso) também não possui um caráter unívoco, mas pode ser compreendido de diferentes modos, de acordo com as diferentes categorias. Semelhantemente, o ser dito enquanto accidental ou causal também se modifica acordo com as diferentes figuras de categorias existentes.

Todos os grupos de significados do ser, portanto, são compostos de sentidos que, apesar de semelhantes, não são idênticos ou unívocos, em conformidade com os múltiplos sentidos do ser em geral. Além disso, todos os grupos de significados do ser – ser accidental ou causal; ser por si; como verdadeiro (e falso); e como potência e ato – fundam-se através das figuras de categorias, pertencentes ao grupo do ser por si.

É válido recordar, entretanto, que essas figuras de categorias, pelas quais os demais grupos de significados do ser se fundamentam, só *são* em referência e por causa da primeira dessas categorias, a substância. Dessa maneira, assim como todos os sentidos de ser fundamentalmente depreendem-se do ser das categorias, o ser das categorias fundamentalmente depreende-se da substância.

## **Considerações finais:**

Em virtude do que foi mencionado ao longo deste artigo, é possível concluirmos que todos os sentidos de ser, segundo a metafísica aristotélica, pressupõem o ser das categorias que, semelhantemente, pressupõem o ser da substância. O sentido último de ser, deste modo, se revela através do sentido de substância.

Diante disso, parece-nos necessário, nessas considerações finais, tecermos algumas (breves) notas sobre o conceito aristotélico de substância. Para tanto, nos direcionaremos ao capítulo V da obra *Categorias*, no qual Aristóteles define o conceito de substância:

Substância – aquilo a que chamamos substância de modo mais próprio, primeiro e principal – é aquilo que nem é dito de algum sujeito nem existe em algum sujeito, como, por exemplo, um certo homem ou um certo cavalo. Chamam-se substâncias segundas as

---

segundo se apoiem nas diferentes figuras de categorias.” Reale, G. *História da filosofia grega e romana*, vol. IV: Aristóteles, p. 42.

espécies a que as coisas primeiramente chamadas substâncias pertencem e também os gêneros dessas espécies. Por exemplo, um certo homem pertence à espécie homem, e animal é o gênero da espécie; por conseguinte, homem e animal são chamados substâncias segundas. É evidente, pelo que foi dito antes, que o nome e a definição das coisas que são ditas de um sujeito se predicam necessariamente do sujeito. Por exemplo, homem é dito de um sujeito, a saber, de um certo homem, e é claro que o nome se predica (pois predicarás «homem» de um certo homem); e a definição de homem predicar-se-á de um certo homem (pois um certo homem é também um homem). De modo que tanto o nome como a definição predicar-se-ão do sujeito. Mas quanto às coisas que existem num sujeito, na maioria dos casos, nem o nome nem a definição se predica do sujeito. Em alguns casos, nada impede que o nome se predique do sujeito, mas, quanto à definição, isso é impossível. Por exemplo, o branco, existindo num sujeito, a saber, no corpo, predica-se do sujeito (pois um corpo é dito branco); mas a definição de branco jamais se predicará do corpo. Todas as outras coisas ou são ditas das substâncias primeiras como de sujeitos ou existem nelas como em sujeitos. Isto é evidente pelos casos particulares que se nos apresentam. Por exemplo, animal predica-se do homem e, portanto, também de um certo homem; pois se não se predicasse de nenhum dos homens individuais, não seria de todo predicado do homem. Do mesmo modo, a cor existe no corpo e, portanto, também num certo corpo; pois se não existisse em nenhum dos corpos individuais, não poderia de todo existir no corpo. Assim, todas as outras coisas ou são ditas das substâncias primeiras como de sujeitos ou existem nelas como em sujeitos. Por conseguinte, se as substâncias primeiras não existissem, nenhuma outra coisa poderia existir. Das substâncias segundas, a espécie é mais substância do que o gênero, pois está mais próximo da substância primeira (*Categorias*, V, 2a-b).

Sem a substância, portanto, nada poderia existir e nada poderia ser dito. Tudo aquilo que é dito, segundo Aristóteles, só pode ser dito por fazer parte da substância primeira. Assim, por estarem mais longe da substância primeira os gêneros se dizem em um sentido mais fraco, enquanto aquilo que constitui a própria coisa se diz em um sentido mais forte. Ademais, a substância primeira é o sujeito de todas as coisas, além de ser o princípio através do qual todas as coisas se predicam.

A substância é, pois, a grande descoberta aristotélica. A magnitude dessa descoberta reside na compreensão de que o ser não é uno, como acreditaram os eleatas,

assim como não é um universal substancial *autó kath' hauto*, como sustentaram Platão e os platônicos; o ser não é um gênero e, portanto, não é inteligível ou transcendente, tal como não é uma mera abstração; o ser não é o princípio comum e fundante da realidade ou da unidade do todo, mas é cada uma das coisas *que é*, e cada uma das coisas *que é*, em seu sentido mais latente, equivale à substância – que em um sentido é matéria; em outro, mais elevado, é composto; e em outro, mais forte, é a própria forma.

### Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. *Categorias*. Tradução, introdução e comentários de Ricardo Santos. Liboa: Porto editora, 1995.

\_\_\_\_\_. *Metafísica*. Ensaio introdutório, texto grego com tradução e comentário de Giovanni Reale. Tradução de Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

OWENS, Joseph. *The Doctrine of Being in the Aristotelian Metaphysics: A Study in the Greek Background of Mediaeval Thought*. Toronto: Pontifical Institute of Mediaeval Studies, 1963.

REALE, Giovanni. *História da filosofia grega e romana, vol. IV: Aristóteles*. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz e Marcelo Perine. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

\_\_\_\_\_. L'impossibilità di intendere univocamente l'Essere e la "Tavola" dei significati di esso secondo Aristotele. *Rivista di Filosofia Neo-Scolastica*, Milano, v. 56, n. 3/4, p. 289-326, maggio/ago. 1964. Disponível em: <<https://www.uniba.it/ricerca/dipartimenti/fless/personale/schede-docenti/dalessandro/materiali-didattici/aristotele-articolo.pdf/view>>. Acesso em: 23 jul. 2018.